

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 214/2012

O COMOVENTE CASO ROSEMBERG

Esta semana foi fortemente marcada pela RIO+20 e pelas relevantes eleições na Grécia, na França e no Egito. Tenho que falar sobre esses temas decisivos. Rendi-me, entretanto, antes, à emoção antiga revivida pelas palestras que assisti do filho de Ethel e Julius Rosenberg no centro cultural MIDRASH segunda e terça-feira.

No início dos anos cinquenta do século passado, o mundo foi sacudido pela comoção causada pelo caso do casal de cientistas americanos acusados de passar aos soviéticos segredos da bomba atômica que só os Estados Unidos possuíam. Foi um dos julgamentos mais polêmicos da História, que culminou com a execução de ambos na cadeira elétrica, sob protestos e apelos de clemência do mundo inteiro. Um dos povos que apresentaram mais assinaturas nesses pedidos de clemência foi o brasileiro, a ponto do Departamento de Estado americano ter estranhado, junto ao seu embaixador no Brasil, o tamanho dessa manifestação brasileira. Eu me lembro bem de ter posto lá a minha assinatura, que bom que fiz.

O julgamento foi evidentemente forçado, envolvido pelo clima de histeria anticomunista daqueles anos de guerra da Coréia, de macartismo nos Estados Unidos que fez tantas vítimas inocentes como o próprio Openheimer, o físico americano considerado o pai da bomba atômica. O filho Robert, dos Rosenberg, que à época tinha quatro anos com o irmão de seis, hoje se dedica à reabilitação da memória dos pais, pelo esclarecimento dos inúmeros detalhes inconcebíveis daquele julgamento distorcido. A peça principal da acusação, uma folha de papel com um desenho mostrando um esquema circular e algumas anotações que conteriam os segredos fundamentais da bomba atômica, foi exibida: é realmente estarrecedor que aquilo tenha sido considerado uma informação relevante para os russos. Esse esquema foi dado a Julius pelo cunhado, um sargento do exército que não tinha formação científica nenhuma, que simplesmente trabalhava na base de Los Alamos onde foi feita a bomba. Este cunhado foi o principal acusador e conseguiu se livrar da condenação “cooperando” com o FBI, incriminando Julius Rosenberg como espião traidor da pátria. Quanto a Ethel, a esposa, foi condenada e executada por ser ajudante do marido. Assim mesmo.

Cresceram, ambos os filhos, atormentados e escoraçados de um lado para o outro, por ódio aos pais traidores da pátria, e, já adultos, criaram uma Fundação Rosenberg, que ajuda crianças cujos pais sejam ou tenham sido condenados ou perseguidos por motivos políticos, e que não disponham de sustento, como eles mesmos ficaram. Robert, o filho mais moço, nos disse no MIDRASH que até os dezesseis anos ele fugia do pensamento a respeito dos pais que, para os meninos, deviam mesmo ter sido culpados. Só na juventude cuidou de se informar, de pesquisar e se convencer de que tinham sido inocentes.

Robert considera que aquela decisão da Justiça americana, realmente infanda, foi fruto de duas grandes forças psicológicas da sociedade americana daqueles anos: a primeira, absolutamente dominante, era o medo-pânico do poderio soviético, que havia arrasado a máquina de guerra nazista, que dominava toda a Europa Oriental e crescia exponencialmente em oposição política às potências ocidentais, que sustentava os combatentes comunistas da Coréia do Norte, e ainda tinha a aliança com a gigantesca China, convertida ao comunismo: era o pavor que alimentava a enorme onda persecutória macartista que se derramava por todo o país. A segunda força teria sido o antissemitismo, muito presente então, segundo ele, embora grande parte da comunidade judaica de Nova Iorque tenha apoiado a condenação dos pais.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 214/2012

Recentemente vi um filme bem feito, intitulado “A Conspiração Americana”, que relata o julgamento dos suspeitos de planejar e executar o assassinato do Presidente Abraão Lincoln no século XIX. O próprio assassino tinha conseguido fugir mas a opinião pública em Washington exigia a condenação à morte dos culpados, dentro do clima de histeria antissulista que predominava nos anos seguintes à hecatombe da guerra civil. O julgamento completamente forçado, com o governo pressionando e conseguindo a mudança de votos dos jurados, resultou no enforcamento da senhora que era mãe do assassino mas que realmente não havia participado da conspiração. Um filme chocante, que infelizmente não passou na nossa cidade do Rio, passou apenas num dos horríveis cinemas da Barra da Tijuca, e que me lembrou muito o caso Rosemberg que eu ainda tinha na memória.

Ambos os casos, como tantos outros ao redor do mundo, por exemplo, o enforcamento do brasileiro inocente alcunhado de “Fera do Macabu”, que horrorizou nosso Imperador Pedro II, todos esses casos apontam para o repúdio definitivo desta violência execrável, vingança hedionda, injustiça nefanda e intrínseca contra a humanidade, que é a pena de morte: Os Rosemberg poderiam hoje, sessenta anos depois, ou mesmo bem antes, após a queda do muro e o fim da guerra fria, ter sido reabilitados ainda em vida.

Bem, outra lembrança muito viva: Ethel Rosemberg, antes de morrer escreveu uma bela carta aos filhos, que foi lida com emoção pela Clarice Niskier, presente à palestra do Robert. Mas escreveu também um belo poema, também para os filhos, cujo primeiro verso é “You shall know, my sons, shall know...” Pois este poema foi musicado por Edino Krieger, sob a forma de uma linda balada inglesa, e eu a cantava, no tempo em que tinha uma voz bonita; eu a cantava com muita emoção e guardo ainda no coração os aplausos que recebia entusiasmados.

Bem, ficou faltando a RIO+20 e as eleições de domingo último. Fico devendo; tinha de falar sobre o Caso Rosemberg.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br